
OBSERVAÇÕES SOBRE A FUNDAMENTAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS NA FENOMENOLOGIA DE JAN PATOCKA

André R. C. Fontes¹

Um dia, no mês de janeiro de 1977, uma iniciativa impetuosa de intelectuais checos, que se mobilizaram para a assinatura de petição, em repúdio ao poder repressivo do Estado socialista e para denunciar reiteradas violações aos direitos humanos, conhecida por Carta 77, redundou na prisão do seu primeiro orador, Jan Patočka. Foi ele que imprimiu uma identidade distinta àquela manifestação, especialmente por lhe atribuir seu caráter moral, bem no espírito da sua própria filosofia. Jan Patočka foi interrogado, duramente, pela polícia política da então República Socialista da Checoslováquia e, em consequência de sucessivos maus-tratos, o filósofo que havia

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Desembargador no Tribunal Regional Federal da 2ª Região (Rio de Janeiro e Espírito Santo)

sobrevivido ao horror da ocupação e à implacável perseguição nazista de seu país, não suportou as agressões sofridas. Morreu no dia 13 de março daquele mesmo ano de 1977, mas o seu legado e a sua obra ainda sobrevivem, e, pela sua atualidade, justifica-se a sua invocação.

Jan Patočka nasceu na cidade de Turnov, na Boêmia Oriental. Já ao fim dos seus primeiros estudos filosóficos demonstrou particular interesse pela Fenomenologia, como instrumento cognitivo capaz de propiciar um pensamento filosófico contemporâneo, apto a superar os limites do Positivismo e do Neopositivismo. Conheceu e estudou Fenomenologia com Edmund Husserl, Martin Heidegger e Eugen Fink, dos quais se tornou dedicado assistente.

O caráter profundo das divergências entre os três grandes filósofos Husserl, Heidegger e Fink permitiu Patočka cruzar as linhas de pensamento de cada um desses mestres, e maturar uma das idéias mais características de sua obra: a Filosofia do mundo natural. O conceito de *mundo natural* sempre ocupou lugar central no pensamento de Patočka, pois significaria, em primeiro lugar, o empenhar-se em *colher os problemas autênticos sob a superfície da certeza aparente geralmente aceita*, ou melhor, retomar a problemática da obviedade do mundo, que se impõe na vida cotidiana. E, em segundo lugar, o tema do mundo natural se entrelaça com o motivo do *salto inaudito*, próprio da potência humana, ao invés de tornar o homem mais contente de si e reconciliado. E, por último, *por o problema do mundo natural a tornar-se uma questão urgente, sem que com isso se pretenda descobrir algum infalível remédio universal, nem uma virada sensacional da situação*.

Patočka busca uma forma de renovar a concepção do problema do *mundo natural*, reportando-se à complexidade da relação entre

o *mundo* e a *existência humana*, e a enquadrá-lo numa dimensão histórica. Essa assertiva marca a inteligência de Patocka, que parece ter sido tocada por dois dos maiores críticos de Husserl, Heidegger e Fink, especialmente quanto à questão da materialidade do mundo. Se partíssemos da filosofia do pai da Fenomenologia, Edmund Husserl, diríamos que Husserl tentou dar realidade e fidedignidade às coisas mesmas, tal como aparecem diante da consciência. Mas, para Patocka, as conclusões de Husserl não são suficientes, porque não conduzem ao mundo natural e à sua análise.

As idéias de Patocka sobre o *mundo natural* voltaram-se, de modo específico, para o significado de *mundo da vida* de Edmund Husserl. Patocka compreende o mundo da vida como um complexo dos modos essenciais do comportamento humano, de seus pressupostos e sedimentos, e, portanto, um deles é endereçado ao tema de abertura, do manifestar-se, do desvelar-se do homem na região aberta do mundo comum dos homens, não somente a defesa e a conservação desse mundo. De maneira que somente o exame e a compreensão das relações recíprocas de todos esses movimentos poderiam dar a perspectiva de que coisa é o mundo natural, o mundo da vida humana.

O próprio Patocka reconhece que a questão do *mundo da vida* se submete a inúmeras perspectivas, e que ainda estamos longe de uma verdadeira solução para esse problema. Uma premissa é certa, entretanto, na esteira de Heidegger e Fink: a problemática do mundo natural está vinculada à complexidade das relações entre mundo e existência.

Uma indicação dessas diferenças aceitas por Patocka está na busca das bases ontológicas formuladas por Heidegger para alcançar a dependência mútua entre a coesão da existência humana e o mundo. E essa investida desdobra-se numa busca da dimensão moral

dos direitos, especialmente em uma época e lugar nos quais eles não eram aceitos. E cada palavra de Patočka ecoa na fundamentação dos direitos humanos, os mesmos que invocou na Carta 77, e o conduziram à morte por ação das forças de segurança checas, que viram naquele homem, idoso e franzino, uma enorme força moral, ao ponto de ameaçar a estrutura do Estado repressor checoeslovaco.

As principais direções que nortearam a filosofia de Patočka representam uma interrogação complexa, que se iniciou nos pré-socráticos, passou por Platão, Aristóteles, Kant, Fichte, Hegel, Husserl, Heidegger, Fink e chegou a pensadores como Tugendhat e Ingarden. A Fenomenologia, entretanto, foi o instrumento filosófico que conduziu Patočka às suas mais conhecidas impressões e idéias. Relativamente à Fenomenologia de Husserl, entendia Patočka que a resposta estava na própria pergunta: o que é a Fenomenologia? A Fenomenologia pode nos auxiliar, não obstante as suas limitações. Se é um sistema não será fechado. Uma filosofia incompleta é uma filosofia aberta. E a filosofia deve sempre retornar ao início. Uma filosofia que é uma reflexão sobre método, sobre o modo de afrontar os problemas, não apresentará um resultado definitivo, e, sim, nos ensinará a tomar os resultados, no seu justo valor, como uma simples etapa interna de um percurso, pois a verdade absoluta, como resultado, não existe. Para Patočka, essas formulações concernem ao sentido da Filosofia e da Fenomenologia como possível via para uma nova compreensão do aparecer do que aparece, e aça, novamente, a questão do *ser* ao seu patamar de questão fundamental.

A Filosofia é a possibilidade que o homem tem não somente de parecer, mas de ser. Essa possibilidade caracteriza a dimensão radicalmente histórica do homem, e seu agir no mundo. A

compreensão do ser é o que a Filosofia realiza, transcendendo intelectualmente o mundo, e refletindo o seu autêntico existir, representado pela sua capacidade de praticar o que os pensadores denominam de ato livre.

A problemática das relações entre o mundo e o sujeito, e sua centralidade especificamente do corpo para a compreensão do sujeito em ação, deve ser considerada a partir da distinção de Kant entre conceito e intuição, que Patocka considera a questão do mundo; e da possibilidade de definir esse mundo na distância entre sujeito e o caráter distinto dos fenômenos. Disse Patocka que o mundo não pode ser experimentado no sentido de um encontro, porque o encontro pressupõe uma possível passagem de lado, um possível não encontro, ancorado na ausência – entre mundo ausente, mas tudo ao mais esquecido.

Essa visão de mundo nos conduz à complexa relação entre Filosofia e Fenomenologia do próprio corpo, concentrando-se na visão aristotélica, na qual o corpo é considerado como dotado de sentido, mas suas funções são consideradas com o fim de dar uma visão prospectiva. Na filosofia de Patocka, estão conectados a introdução mais autêntica das dimensões do corpo e o reconhecimento dos valores da dimensão pessoal a respeito disso.

Para Patocka, a Fenomenologia é um retorno ao próprio pensamento em si mesmo. E, mais especificamente, uma reflexão sobre a crise do pensamento. Desse modo, será o seu propósito de liberar a ciência positiva e a cientificidade em geral de suas raízes, que devem buscar as origens primeiras da crise da humanidade em uma posição radical que, visando a excluir cada posição preconcebida, deve distanciar-se do seu percurso e dos prejuízos próprios das ciências positivas. A Fenomenologia não é outra coisa

senão a aspiração de opor a esse conceito fundamental dos tempos modernos o percurso de uma longa busca.

A vida humana está centrada no movimento. E a partir da concepção aristotélica de movimento, ou seja, movimento dirigido a um fim, esse movimento reveste-se de um papel fundamental no processo de objetivação proposto pela Fenomenologia e, em geral, nas relações entre mundo e sujeito. O veículo mediador dos encontros no mundo é o movimento no quadro do mundo, e tudo isso que nele pode apresentar-se e aparecer. O valor fenomenológico do corpo liberado do peso da substancialidade e inserido em uma concepção mais ampla e complexa do aparecer, que renova, constantemente, a reflexão, constituirá um motivo crítico para concluir a crença na busca filosófica.

É difícil compreendermos hoje o ambiente repressivo pelo qual passou a então Checoslováquia, especialmente ao lançarmos um olhar no país calmo e tranqüilo que cindiu-se pela Revolução de Veludo, aliás, liderada por alguns dos mais proeminentes subscritores da Carta 77, Václav Havel, futuro Presidente da República Checa. Um aspecto deve ser lembrado a respeito da força moral de Jan Patočka, e também uma das últimas palavras por ele proferidas ao seu círculo mais próximo de amigos, antes de ser injustamente preso: “Hoje nós voltaremos a saber que existem coisas pelas quais vale a pena sofrer, e que as coisas pelas quais eventualmente se sofre são aquelas pelas quais vale a pena viver.”

A dimensão moral, assentada na condição humana, no seu mover-se no mundo, nas suas relações entre existência e mundo, associados ao ser e aos conceitos intrínsecos de liberdade e movimento existencial no mundo constituem um aspecto essencial nos estudos dos fundamentos dos direitos humanos.

No estado em que se encontram os estudos dos direitos humanos, numa busca incessante de seus fundamentos, a filosofia de Jan Patočka pode significar o caminho de uma fundamentação fenomenológica dos direitos humanos. E se clarearmos os horizontes, veremos que Patočka buscou dar efeitos práticos, como nenhum outro, às suas mais profundas conclusões: ele se submeteu à prova! O cerne vivo de seu trabalho – que lhe custou a vida – permitiu à Fenomenologia subir mais alto, e servir como um caminho moderno para forjar bases sólidas à invocação dos direitos humanos.